

1

A queda da Casa de Usher

*Son coeur est un luth suspendu;
Sitôt qu'on le touche il résonne*¹

DE BÉRANGER

Durante um dia inteiro de outono, escuro, sombrio, silencioso, em que as nuvens pairavam baixas e opressoras nos céus, passava eu, a cavalo, sozinho, por uma região singularmente monótona – e, quando as sombras da noite se estendiam, finalmente me encontrei diante da melancólica Casa de Usher. Não sei como foi – mas, ao primeiro olhar lançado à construção, uma sensação de insuportável tristeza me invadiu o espírito. Digo insuportável, pois aquele sentimento não era atenuado por essa emoção meio agradável, meio poética, com que a nossa mente recebe, em geral, mesmo as imagens naturais mais severas da desolação e do terrível. Contemplei a cena que tinha diante de mim – a simples casa, a simples paisagem característica da propriedade, os frios muros, as janelas que se assemelhavam a olhos vazios, algumas fileiras de carriços e uns tantos troncos apodrecidos – com uma completa depressão de alma, que não posso comparar, apropriadamente, a nenhuma outra sensação terrena, exceto à que sente, ao despertar, o viciado em ópio, com a amarga volta à vida cotidiana, com a atroz descida

¹Seu coração é um alaúde suspenso; Tão logo alguém o toca, ele ressoa. (*N. do E.*)

do véu. Era uma sensação gelada, um abatimento, um aperto no coração, uma aridez irremediável de pensamento que nenhum estímulo da imaginação poderia elevar ao sublime. Que era aquilo – detive-me a pensar – que era aquilo que tanto me enervava ao contemplar a Casa de Usher? Era um mistério de todo insolúvel; não podia lutar contra as sombrias visões que se amontoavam sobre mim enquanto pensava naquilo. Fui obrigado a recorrer à conclusão insatisfatória de que *existem*, sem a menor dúvida, combinações de objetos simples que têm o poder de nos afetar, embora a análise desse poder se baseie em considerações que ficam além de nossa compreensão. Era possível, refleti, que um arranjo simplesmente diferente de particularidades da cena, dos detalhes do quadro, fosse o bastante para modificar, ou, talvez, para aniquilar aquela impressão dolorosa. Agindo de acordo com essa ideia, dirigi meu cavalo até a margem escarpada do negro e sombrio lago, que estendia o seu tranquilo brilho junto à casa, e fitei, mas com um estremecimento ainda mais vivo do que antes, as imagens reconstituídas e invertidas dos carriços cinzentos, dos troncos fantasmagóricos e das janelas que se assemelhavam a olhos vazios.

Apesar de tudo isso, decidi permanecer algumas semanas naquela mansão de aspecto soturno. Seu proprietário, Roderick Usher, tinha sido um de meus joviais companheiros de infância; mas haviam transcorrido muitos anos desde o nosso último encontro. Uma carta, porém, me chegara recentemente às mãos, quando me encontrava numa parte distante do país, uma carta dele, cuja natureza, bastante urgente, não admitia senão a minha própria presença. A letra revelava evidente agitação nervosa. O autor da carta falava de uma enfermidade física aguda, de um transtorno mental que o oprimia, e de um desejo ardente de ver-me, como seu melhor e, efetivamente, único amigo pessoal, julgando encontrar, na minha companhia, algum alívio para o seu mal. Foi a sua maneira de dizer tudo isso, e muito mais – a maneira suplicante pela qual me

abria o seu coração – que não me permitiu qualquer hesitação e, por conseguinte, obedeci incontinentemente ao que, ainda assim, me parecia um convite muito estranho.

Embora, quando meninos, houvéssemos sido bastante próximos, eu, na realidade, pouco sabia de meu amigo. Sua reserva fora sempre excessiva e habitual. Sabia, contudo, que sua família, muito antiga, se distinguira, desde tempos imemoriais, por uma peculiar sensibilidade de temperamento, revelada, através dos séculos, em muitas obras de arte de exaltada inspiração, e manifestada, havia muito, em repetidos atos de estupefata mas recatada caridade, bem como por uma apaixonada devoção às dificuldades, talvez mais do que às belezas facilmente reconhecíveis e ortodoxas da ciência musical. Tive também notícias do fato, bastante notável, de que do tronco da estirpe dos Usher, por mais antigo e glorioso que fosse, não surgira nunca, em tempo algum, qualquer ramo duradouro; em outras palavras, sabia que a família se perpetuara sempre em linha direta, salvo insignificantes e passageiras exceções. Semelhante deficiência, pensava eu, enquanto repassava em minha imaginação a perfeita concordância existente entre o caráter daquelas premissas e a índole atribuída àquela gente, e enquanto refletia sobre a possível influência que um de seus ramos poderia ter exercido, durante a longa passagem dos séculos, sobre o outro – era aquela ausência de linhagem colateral, talvez, e a consequente e direta transmissão, de pai para filho, do patrimônio e do nome, o que havia, por fim, identificado a ambos, acabando por unir o título original da propriedade à arcaica e equívoca denominação de “Casa de Usher”, denominação que parecia incluir, no espírito dos que a usavam, tanto a família como a mansão.

Já disse que o único efeito de minha experiência um tanto pueril – a de fitar o interior do lago – foi tornar ainda mais profunda aquela primeira impressão. Não pode haver dúvida de que a consciência do rápido aumento de minha superstição

– pois, por que não defini-la assim? – serviu principalmente para acentuar aquela sensação. Tal é, como sei desde há muito, a lei paradoxal de todos os sentimentos baseados no terror. E talvez fosse por essa única razão que, ao erguer novamente os olhos para a casa, afastando-os da imagem refletida no lago, surgiu em meu espírito uma estranha visão – realmente tão estranha e ridícula que apenas a menciono para demonstrar a viva força das sensações que me oprimiam. Minha imaginação trabalhara tanto, que me parecia haver realmente, em torno da mansão e de suas adjacências, uma atmosfera peculiar, que nada tinha em comum com o ar dos céus, mas que emanava das árvores apodrecidas, das paredes cinzentas e do lago silencioso – um vapor pestilento e místico, opaco, pesado, mal discernível, cor de chumbo.

Afastando de meu espírito o que *não podia* ser senão um sonho, examinei mais atentamente o aspecto real da casa. Sua característica principal parecia ser a de uma excessiva antiguidade. A descoloração causada pelos séculos tinha sido grande. Minúsculos cogumelos estendiam-se por todo o exterior, pendendo, em emaranhada e fina tessitura, dos beirais. Mas nada disso implicava qualquer estrago extraordinário. Nenhuma parte da alvenaria desmoronara, e parecia haver uma violenta contradição entre aquela ainda perfeita adaptação das partes e o estado individual das pedras desgastadas. Aquilo me lembrava muito a enganadora integridade das estruturas de madeira que, durante longos anos, apodreciam em alguma abóbada esquecida, sem contato com o sopro do ar exterior. Afora essa indicação de ostensiva decadência, a casa não apresentava sinal algum de instabilidade. Talvez o olhar de um observador metuculo pudesse ter descoberto uma fenda imperceptível, que, estendendo-se desde o telhado da fachada, descia em ziguezague até perder-se nas águas sombrias do lago.

Observando essas coisas, atravessei, a cavalo, um curto caminho que conduzia à casa. Um lacaios à espera tomou o meu

cavalo, e atravessei o arco gótico da entrada. Um mordomo, de passos furtivos, conduziu-me, em silêncio, por muitos corredores escuros e intrincados, ao quarto de seu amo. Muitas das coisas que encontrei em meu caminho contribuíram, não sei como, para acentuar as vagas sensações a que já me referi. Os objetos que me rodeavam – os entalhes dos tetos, as sombrias tapeçarias das paredes, a negrura de ébano dos assoalhos e os fantasmagóricos troféus de armas que tilintavam à minha passagem – eram, para mim, coisas muito conhecidas, com as quais estava familiarizado desde a infância, e, embora não hesitasse em reconhecê-las como tais, fiquei surpreso ante as visões insólitas que aquelas imagens ordinárias despertavam em minha imaginação. Numa das escadas, deparei-me com um médico da família. Sua fisionomia, pensei, revelava um misto de astúcia e perplexidade. Saudou-me, um tanto perturbado, e passou. O mordomo, então, abriu uma porta e conduziu-me à presença de seu amo.

O aposento em que me encontrei era muito amplo e alto. As janelas, compridas, estreitas e ogivais, achavam-se a tal distância do negro assoalho de carvalho que se tornavam inteiramente inacessíveis pela parte de dentro. Fracos raios de luz avermelhada atravessavam as vidraças guarneçadas de persianas, tornando suficientemente claros os principais objetos ali existentes. O olhar, no entanto, esforçava-se em vão para alcançar os cantos mais distantes do aposento, ou os recessos do teto abobadado e trabalhado a cinzel. Escuras tapeçarias cobriam as paredes. O mobiliário geral era excessivo, incômodo, antigo e estragado. Muitos livros e instrumentos musicais jaziam espalhados em torno, mas não conseguiam dar vitalidade alguma ao ambiente. Eu sentia que respirava uma atmosfera de tristeza. Um ar de severa, profunda e irremissível melancolia pairava e tudo envolvia.

À minha entrada, Usher levantou-se do sofá em que estava estendido por completo e me saudou com calorosa vivacidade,

na qual havia – conforme pensei a princípio – exagerada cordialidade, o compelido esforço de um homem *ennuyé*² do mundo. Contudo, lançar um olhar ao seu rosto convenceu-me de sua perfeita sinceridade. Sentamo-nos e, durante alguns momentos, enquanto ele permaneceu calado, olhei-o com um sentimento misto de piedade e pavor. Seguramente, jamais homem algum sofrera tão terrível transformação, em tão curto espaço de tempo, como Roderick Usher! Era difícil persuadir-me de que a identidade do homem abatido que tinha à minha frente era a mesma da de meu companheiro de infância. Contudo, o caráter de sua fisionomia fora sempre notável. Tez cadavérica, olhos grandes, transparentes, luminosos sem comparação; lábios um tanto finos e muito pálidos, mas de linhas incomparavelmente belas; nariz de delicado tipo hebraico, mas de narinas largas, incomuns em semelhante forma; queixo finamente modelado, a revelar, em sua falta de proeminência, ausência de energia moral; cabelos que lembravam a maciez e a suavidade de uma teia de aranha. Todos esses traços, aliados a um desenvolvimento frontal excessivo, compunham, em conjunto, uma fisionomia que não se esquecia com facilidade. E, naquele momento, no simples fato de se achar acentuado o caráter predominante daquelas feições, e na expressão que mostravam, notava-se tal mudança que me levava a duvidar da pessoa com quem falava. A palidez espectral da pele e o brilho agora extraordinário dos olhos me surpreendiam sobremaneira, chegando, mesmo, a aterrar-me. Além disso, deixara crescer, sem nenhum cuidado, os cabelos sedosos, e, como aquela contextura de teia de aranha mais flutuava do que caía sobre o rosto, não me era possível, mesmo com esforço, relacionar a sua expressão arabesca com qualquer ideia de simples humanidade.

²Entediado, em francês no original. (*N. do E.*)

Chocou-me logo certa incoerência – certa contradição – nas maneiras de meu amigo. Não tardei em verificar que aquilo procedia de pequenos e inúteis esforços no sentido de vencer uma perturbação habitual – uma excessiva agitação nervosa. Eu estava preparado para qualquer coisa desse gênero, não só devido à sua carta, e às lembranças de alguns de seus traços infantis, bem como pelas conclusões deduzidas de sua peculiar conformação física e de seu temperamento. Seus atos eram ora vivos, ora soturnos. Sua voz variava rapidamente de tom, passando de uma trêmula indecisão (quando seu ardor parecia cair em completa inação) a essa espécie de concisão enérgica, a essa enunciação abrupta, pesada, lenta – uma enunciação oca –, a essa maneira de falar gutural, plúmbea, equilibrada e perfeitamente modulada, que se pode observar no bêbado perdido ou no incorrigível fumante de ópio durante os períodos de sua mais intensa agitação.

Foi assim, pois, que ele falou do objetivo de minha visita, de seu vivo desejo de ver-me e do alívio que esperava que eu lhe proporcionasse. Referiu-se, durante bastante tempo, sobre o que pensava acerca da natureza de sua enfermidade. Era, como disse, um mal constitucional de família, para o qual não tinha esperança de encontrar remédio; uma simples afecção nervosa, acrescentou logo, que, sem dúvida, não tardaria a passar. Manifestava-se numa variação de sensações nada naturais. Algumas, enquanto ele as pormenorizava, me interessaram e confundiram, embora talvez os termos empregados e a maneira geral da narração influíssem bastante para isso. Sofria muito de uma agudeza mórbida dos sentidos: suportava somente os alimentos mais triviais; não podia usar senão roupas de determinados tecidos; o aroma de todas as flores o oprimia; a luz, por mais fraca que fosse, torturava-lhe os olhos; e apenas alguns sons peculiares – os dos instrumentos de corda – não lhe causavam horror.

Vi que era escravo submisso a uma espécie anômala de terror.

– Morrerei – disse-me –, *devo* morrer desta deplorável loucura. Assim, desta forma, e não de outra maneira, é como devo morrer. Aterraram-me os acontecimentos futuros, não por eles mesmos, mas pelos seus resultados. Tremo ao pensar no mais trivial incidente, pelo efeito que possa ter sobre esta intolerável agitação de minha alma. Não receio, efetivamente, o perigo, exceto em seu efeito absoluto – o terror. Neste estado de excitação... nesta lamentável condição... sinto que chegará logo o momento em que deverei abandonar, ao mesmo tempo, a vida e a razão, em alguma luta com o horrendo fantasma – o MEDO.

Também tomei conhecimento, a intervalos, por insinuações interrompidas e ambíguas, de outro traço singular de sua condição mental. Estava acorrentado por certas impressões supersticiosas relativas à mansão em que vivia, de onde, durante muitos anos, não ousara sair... relativas a uma influência cuja suposta força era por ele expressa em termos demasiado sombrios para serem aqui repetidos, uma influência que algumas peculiaridades existentes na simples forma e matéria de sua casa de família conseguiram, à custa de longo sofrimento – dizia ele –, exercer sobre o seu espírito um efeito que o *físico* das paredes e das torres cinzentas, bem como do escuro lago em que tudo se refletia, acabara por fazer pesar sobre o *moral* de sua existência.

Admitia, porém, embora com hesitação, que grande parte da peculiar tristeza que o afligia podia ser atribuída a uma origem mais natural e muito mais palpável; à severa e contínua enfermidade... à morte e à decomposição evidentemente próxima... de uma irmã ternamente amada, sua única companheira durante longos anos, e sua última e única parenta sobre a Terra. A morte dela, disse ele, com uma amargura que jamais poderei esquecer, fará de mim (o desesperançado, o fraco) o último representante da antiga raça dos Usher.

Enquanto falava, lady Madeline (pois assim se chamava ela) passou, lentamente, pela parte mais distante do aposento e,

sem ter notado minha presença, desapareceu. Olhei-a tomado de profundo assombro, não destituído de terror – e, no entanto, percebi que me era impossível explicar tais sentimentos. Uma sensação de estupor me oprimia, enquanto meus olhos seguiam seus passos que se afastavam. Quando, por fim, uma porta se fechou atrás dela, meu olhar procurou, instintiva e ansiosamente, o rosto de seu irmão – mas ele havia afundado o rosto nas mãos, e só pude observar que uma palidez muito maior que a habitual se estendera pelos dedos descarnados, através dos quais gotejavam lágrimas ardentes.

A enfermidade de lady Madeline desafiara durante longo tempo a ciência de seus médicos. Uma apatia constante, um esgotamento gradual de sua pessoa, bem como frequentes mas passageiros ataques parcialmente epiléticos, eram o singular diagnóstico. Até então, ela suportara com firmeza a pressão de sua doença, sem que se dispusesse a recolher-se ao leito; mas, ao cair da tarde de minha chegada a casa, sucumbira (como seu irmão me disse, à noite, com inexprimível agitação) ao poder prostrador do mal, e soube que o olhar que dirigi à sua pessoa seria, provavelmente, o último: que aquela dama, pelo menos enquanto vivesse, já não seria mais vista.

Pelo espaço de vários dias consecutivos, seu nome não foi mencionado nem por Usher, nem por mim, e, durante esse período, esforcei-me vivamente por aliviar a melancolia do meu amigo. Pintávamos e líamos juntos, ou, então, eu escutava, como num sonho, suas vibrantes improvisações à guitarra. E assim, à medida que uma intimidade cada vez maior me permitia penetrar, sem certas reservas, no recesso de seu espírito, mais amargamente percebia a inutilidade de qualquer tentativa no sentido de alegrar um espírito cujo negrume, como se fosse uma qualidade positiva e inerente, se esparzia por todos os objetos do universo físico e moral, numa irradiação incessante de tristeza.

Conservarei sempre a lembrança das muitas horas solenes que passei só em companhia do dono da Casa de Usher. Contu-

do, não me seria possível tentar dar uma ideia do caráter exato dos estudos, ou das ocupações, em que ele me envolveu, ou aos quais me conduziu. Uma idealidade exacerbada, descontrolada, lançava sobre todas as coisas uma luz sulfúrea. Suas longas improvisações fúnebres ressoavam sempre em meus ouvidos. Entre outras coisas, lembro-me penosamente de certa perversão singular, amplificada, da ária impetuosa da última valsa de Von Weber. Quanto às pinturas a que se entregava a sua incansável fantasia – e que se transformavam, traço a traço, em qualquer coisa vaga que me fazia estremecer com maior emoção, pois eu estremecia sem saber por quê – dessas pinturas (tão vívidas que suas imagens ainda se acham presentes em meu espírito), eu em vão procuraria extrair a mínima parte que pudesse estar contida no âmbito das simples palavras escritas. Pela extrema simplicidade e nudez de seus desenhos, ele detinha e subjugava a atenção. Se é que algum mortal jamais pintou uma ideia, esse mortal foi Roderick Usher. Para mim, ao menos, nas circunstâncias que então me cercavam, surgia, das puras abstrações que o hipocondríaco conseguia lançar em suas telas, um terror intenso e intolerável, cuja sombra não senti jamais na contemplação dos devaneios, sem dúvida refulgentes, mas demasiado concretos, de Fuseli.

Uma das concepções fantasmagóricas de meu amigo, em que o espírito de abstração não participava de maneira tão rígida, pode ser esboçada, embora debilmente, com palavras. Um pequeno quadro representava o interior de uma abóbada ou túnel imensamente longo e retangular, de muros baixos, lisos, brancos e sem interrupção ou adornos. Certos pontos acessórios do desenho serviam bem para dar a ideia de que aquela escavação se achava numa grande profundidade, sob a superfície da terra. Não se via nenhuma saída ao longo de sua vasta extensão, nem se observava qualquer archote ou outra fonte de luz artificial; não obstante, uma onda de raios inten-

sos inundava tudo, banhando o seu interior de um esplendor lívido e inadequado.

Já me referi à condição mórbida de seu nervo auditivo, que lhe tornava toda música intolerável, exceto a de certos instrumentos de corda. Eram, talvez, os limites estreitos a que ele se confinava ao tocar guitarra que fizeram nascer, em grande parte, aquele caráter fantástico de suas execuções. Mas, quanto à férvida **facilidade** de suas improvisações, era coisa que não se podia explicar desse modo. Tinham de ser, e o eram, tanto nas notas como nas palavras de suas loucas fantasias (pois ele, não raro, se acompanhava por meio de improvisações verbais), resultado de intenso recolhimento e concentração mentais, a que me referi como observáveis somente em momentos da mais alta excitação artificial. Lembro-me bem das palavras de uma dessas rapsódias. Eu ficava, talvez, tanto mais fortemente impressionado enquanto ele as compunha, porque, nas entrelinhas ou tendências místicas de seus significados, eu imaginava perceber, pela primeira vez, plena consciência, por parte de Usher, do desmoronamento de sua sublime razão do trono em que se achava. Os versos, intitulados **O palácio assombrado**, eram, pouco mais ou menos, embora não ao pé da letra, os seguintes:

I

No mais verde de nossos vales,
habitado por anjos bons,
antigamente um belo e imponente palácio
– um palácio radiante – se erguia.
Nos domínios do rei Pensamento,
lá se achava ele!
Jamais um serafim espalmou a asa
sobre um edifício nem a metade tão belo.

II

Estandartes amarelos, gloriosos, dourados
sobre o seu telhado ondulavam, flutuavam.
(Isso, tudo isso, aconteceu há muito,
muitíssimo tempo.)
E em cada brisa suave que soprava,
naqueles doces dias,
ao longo dos muros pálidos e enfeitados,
se elevava um aroma alado.

III

Caminhantes que passavam por esse vale feliz
viam, através de duas janelas iluminadas,
espíritos que se moviam musicalmente
ao som de um alaúde bem afinado,
em torno de um trono onde, sentado,
(Porfirogênito!)
com majestade digna de sua glória,
aparecia o senhor do reino.

IV

E toda refulgente de pérolas e rubis
era a linda porta do palácio,
através da qual passava, passava e passava,
a refulgir sem cessar,
uma turba de ecos cuja grata missão
era apenas cantar,
com vozes de inexcelsa beleza,
o talento e o saber de seu rei.

V

Mas seres maus, trajados de luto,
assaltaram o alto trono do monarca;
(ah, lamentemo-nos, visto que nunca mais a alvorada
despontará sobre ele, o desolado!)
e, em torno de sua mansão, a glória
que, rubra, florescia,
não passa, agora, de uma história quase esquecida
dos velhos tempos já sepultados.

VI

E agora os caminhantes, nesse vale,
através das janelas de luz avermelhada, veem
grandes vultos que se movem fantasticamente
ao som de desafinada melodia;
enquanto isso, qual rio rápido e medonho,
através da porta descorada,
odiosa turba se precipita sem cessar,
rindo, – mas sem sorrir nunca mais.

Lembro-me muito bem de que as sugestões suscitadas por essa balada nos conduziram a uma série de pensamentos em que se tornou manifesta uma opinião de Usher a que me refiro não apenas devido à sua novidade (pois outros homens³ também assim pensaram), mas devido à tenacidade com que ele a mantinha. Essa opinião, em sua forma geral, dizia respeito à sensibilidade de todos os seres vegetais. Mas, em sua desordenada imaginação, a ideia assumira um caráter ainda mais ousado, e invadia, sob certas condições, o reino das coisas inorgânicas. Faltam-me palavras para exprimir toda a extensão ou todo o fervor de seu *abandono* a essa convicção. Tal crença,

³Watson, Dr. Percival, Spallanzani e, em particular, o bispo de Landaff. (Ver *Chemical Essays*, vol. V. – Nota de Edgar Allan Poe.)

porém, se relaciona (como já o insinuei) às pedras cinzentas da mansão de seus antepassados. As condições da sensibilidade estavam aí cumpridas, pensava ele, no método de colocação de tais pedras... na ordem do seu arranjo, bem como na dos numerosos fungos que as cobriam e das árvores doentias que se erguiam ao redor – mas, sobretudo, na imutabilidade daquela disposição e em seu desdobramento nas águas imóveis do lago. A prova – a prova daquela sensibilidade – estava, dizia ele (e eu me sobressaltei ao ouvir tal coisa), na gradual, mas evidente condensação por cima das águas e em redor dos muros, de uma atmosfera que lhes era própria. O resultado era discernível – acrescentou – na silenciosa mas importuna e terrível influência que, durante séculos, moldou os destinos de sua família, e que fizera **dele** aquilo que eu via – aquilo que ele era.

Nossos livros – os livros que, durante anos, haviam constituído uma parte não pequena da vida mental do inválido – estavam, como se pode bem imaginar, em perfeito acordo com aquele caráter fantasmagórico. Estudamos, cuidadosamente, obras como *Vervet et Chartreuse*, de Gresset; o *Belphegor*, de Maquiavel; *O céu e o inferno*, de Swedenborg; *A viagem subterrânea de Nicolau Klimm*, de Holberg; a *Quiromancia*, de Robert Flud, de Jean D’Indaginé e de Dela Chambre; a *Viagem pelo espaço azul*, de Tieck, e *A cidade do Sol*, de Campanella. Um de seus volumes prediletos era a pequena edição *in-octavo* do *Directorum Inquisitorum*, do dominicano Eymeric de Gironne – e havia passagens, em *Pomponius Mela*, sobre os antigos egípcios e sátiros africanos, diante das quais Usher sonhava durante horas inteiras. Seu principal deleite, no entanto, ele encontrava na leitura atenta de um raro e curioso livro gótico em *in-quarto* – o manual de uma igreja esquecida – intitulado *Vigiliæ Mortuorum secundum Chorum Ecclesiæ Maguntinæ*.

Não pude deixar de pensar no estranho ritual desse livro e em sua estranha influência sobre o hipocondríaco, quando, uma noite, tendo sido informado, abruptamente, de que lady

Madeline já não existia, ele manifestou a intenção de conservar o corpo, durante quinze dias (antes de seu sepultamento final), numa das numerosas criptas situadas no interior das paredes principais do edifício. A razão profana, porém, atribuída a esse singular procedimento, era uma dessas coisas que eu não tinha liberdade de discutir. O irmão fora levado a essa resolução (segundo me disse) devido ao caráter incomum da doença da morta e uma certa curiosidade importuna e indiscreta por parte de seus médicos, bem como à localização distante e exposta do jazigo da família. Não nego que, ao lembrar-me da fisionomia sinistra do homem com que deparei na escada, no dia de minha chegada à casa, não senti nenhum desejo de me opor a uma coisa que me parecia, afinal de contas, apenas uma precaução inofensiva, mas, de modo algum, insólita.

A pedido de Usher, ajudei-o pessoalmente nos preparativos daquele sepultamento temporário. Pusemos o corpo no ataúde e, nós dois, sozinhos, o colocamos no lugar de seu repouso. A cripta em que o deixamos (e que estivera fechada durante tanto tempo que os nossos archotes, semiapagados naquela atmosfera sufocante, não nos permitiam quase nenhuma investigação) era pequena, úmida e vedava inteiramente a entrada de qualquer claridade. Achava-se situada, a grande profundidade, exatamente na parte da casa que ficava embaixo de meus aposentos. Ao que parecia, fora utilizada, nos remotos tempos feudais, como masmorra e, em épocas posteriores, como depósito de pólvora ou qualquer outra substância altamente inflamável, pois uma parte de seu assoalho e todo o interior de uma longa abóbada, que atravessamos para chegar até lá, eram cuidadosamente revestidos de cobre. A porta, de ferro maciço, tinha sido também igualmente protegida. Seu imenso peso fazia com que produzisse um som agudo e áspero, ao mover-se em seus gonzos.

Após depositar o nosso lúgubre fardo sobre os suportes, naquela região de horror, abrimos um pouco a tampa do ataú-

de, que não estava ainda parafusada, e contemplamos o rosto da ocupante. Chamou-me a atenção, antes de mais nada, a extraordinária semelhança existente entre irmão e irmã, e Usher, adivinhando, talvez, os meus pensamentos, murmurou algumas palavras, pelas quais fiquei sabendo que a morta e ele eram gêmeos, e que sempre existira entre ambos certa simpatia de natureza quase inexplicável. Nossos olhares, porém, permaneceram pouco tempo fixos sobre a morta, pois não podíamos olhá-la sem experimentar certo terror. A enfermidade que levava lady Madeline ao túmulo em plena juventude deixara, como ocorre comumente em todas as doenças de caráter estritamente cataléptico, a ironia de uma ligeira coloração sobre o seio e o rosto e, nos lábios, esse sorriso equivocadamente parado, que é tão terrível na morte. Recolocamos e parafusamos a tampa do ataúde em seu lugar e, depois de fechar a porta de ferro, voltamos, com dificuldade, aos nossos aposentos na parte superior da casa, os quais não eram menos tristes.

Então, decorridos alguns dias de amargo pesar, verificou-se uma transformação visível nos sintomas da enfermidade mental de meu amigo. Suas maneiras habituais haviam desaparecido. Suas ocupações ordinárias foram negligenciadas ou esquecidas. Andava de um aposento para outro com passos apressados, desiguais e sem finalidade. A palidez de seu rosto adquirira, se possível, um tom mais cadavérico – mas a luminosidade de seus olhos se dissipara por completo. Não se ouvia mais, no tom de sua voz, certa aspereza ocasional, como acontecia antes, e um trêmulo balbucio, como de extremo terror, caracterizava agora, habitualmente, as suas frases. Havia momentos, contudo, em que eu pensava que seu espírito, incessantemente agitado, se achava em luta com algum segredo opressor, que ele não tinha coragem de divulgar. Outras vezes, eu era obrigado a atribuir tudo aquilo a meras e inexplicáveis fantasias produzidas pela loucura, pois o via a olhar para o vazio durante horas seguidas, numa atitude da mais profunda

atenção, como se escutasse algum som imaginário. Não era de estranhar que sua condição me aterrorizasse... que me contagiasse. Sentia que se iam arrastando sobre mim, de modo lento, mas certo, as violentas influências de suas fantásticas, impressionantes superstições.

Foi, particularmente, uma noite, no sétimo ou oitavo dia depois de termos depositado o corpo de lady Madeline na masmorra, que experimentei toda a força de tais sentimentos. O sono não queria aproximar-se de meu leito, enquanto passavam e repassavam as horas. Lutei por afastar, por meio do raciocínio, o nervosismo que se apoderara de mim. Procurei convencer-me de que muito, senão tudo, do que sentia era devido à influência perturbadora do sombrio mobiliário do aposento – das negras e esfrangalhadas cortinas que, agitadas pelo sopro de uma tempestade que se iniciava, oscilavam de um lado para outro nas paredes e farfalhavam inquietas em torno dos adornos do leito. Mas meus esforços foram em vão. Um irreprimível tremor invadiu, pouco a pouco, meu espírito – e, por fim, pousou em eu coração um verdadeiro pesadelo de sobressaltos sem causa. Afastando-o com esforço, arquejante, ergui-me sobre os travesseiros e, lançando um olhar perscrutador pela intensa escuridão do quarto, ouvi – não sei por quê, exceto que alguma força instintiva me aguçou o espírito – certos ruídos vagos e indefinidos, que vinham, através das pausas da tormenta, em longos intervalos, não sei de onde. Dominado por uma intensa sensação de terror, inexplicável, ainda que insuportável, vesti-me às pressas (pois sentia que não poderia mais dormir aquela noite) e procurei livrar-me, andando de um lado para outro pelo quarto, do lamentável estado em que me encontrava.

Tinha dado apenas umas voltas pelo quarto, quando uns passos leves, numa escada próxima, me atraíram a atenção. Reconheci logo os passos de Usher. Decorrido um momento, bateu de leve em minha porta e entrou, carregando um castiçal.

Seu rosto era, como sempre, de uma palidez cadavérica; mas havia, ainda, uma espécie de louca hilaridade em seus olhos e, em toda a sua pessoa, uma histeria evidentemente contida. Seu aspecto me aterrorizou – mas qualquer coisa era preferível à solidão por mim suportada durante tanto tempo, e acolhi sua presença quase como um alívio.

– Então você ainda não viu isso? – disse ele abruptamente, depois de haver-me fitado alguns momentos em silêncio. – Então você não viu? Mas espere! Você verá!

Enquanto falava, resguardando com a mão a luz do castiçal, aproximou-se de uma das janelas e escancarou-a para a tempestade.

A impetuosa fúria das rajadas quase nos ergueu do solo. Era, realmente, uma noite tempestuosa, mas de uma beleza severa, espantosamente singular em seu terror. Um redemoinho, ao que parecia, concentrara toda sua força nas imediações, pois se operavam frequentes e violentas alterações na direção do vento, e a excessiva densidade das nuvens (tão baixas que pareciam pesar sobre os torreões da casa) não nos impedia de observar a viva velocidade com que se aproximavam umas das outras, vindas de todos os pontos, sem que se perdessem na distância. Digo que nem a sua excessiva densidade impedia que percebêssemos tal fato e, contudo, não vislumbrávamos nem a lua nem as estrelas, como tampouco havia lampejo algum de relâmpagos. Mas, sob a superfície das imensas massas de agitado vapor, bem como sobre todos os objetos terrestres que nos cercavam, resplandecia uma claridade sobrenatural, uma emanção gasosa que pairava sobre a casa e a envolvia numa mortalha luminosa e bem visível.

– Você não deve... você não contemplará isto! – disse eu, trêmulo, a Usher, e o levei, com suave violência, da janela para uma cadeira. – Essas aparições, que o transtornam, não passam de fenômenos elétricos nada extraordinários... ou pode ser que tenham sua origem terrível nos miasmas fétidos do lago. Feche-

mos esta janela. O ar está gelado e é perigoso para a sua saúde. Aqui está um de seus romances preferidos. Vou lê-lo para você... e, assim, passaremos juntos esta noite terrível.

O volume antigo que apanhei era o *Mad Trist*, de Sir Launcelot Canning; mas eu dissera que era um dos livros favoritos de Usher mais em tom de triste gracejo do que a sério, pois, na verdade, com a sua rude e pobre prolixidade, pouco atrativo poderia oferecer à elevada e espiritual idealidade de meu amigo. Era, no entanto, o único livro que eu tinha imediatamente à mão – e entreguei-me à vaga esperança de que a excitação que então agitava o hipocondríaco talvez pudesse encontrar alívio (pois a história das desordens mentais está cheia de semelhantes anomalias) até mesmo no exagero das loucuras que eu iria ler. A julgar pela atitude de intenso e ardente interesse com que escutava, ou parecia escutar, as frases da narrativa, eu bem poderia ter-me congratulado pelo êxito de meu intento.

Cheguei ao trecho bastante conhecido da história em que Ethelred, o herói do *Trist*, tendo buscado em vão entrar pacificamente na morada do ermitão, resolve lá entrar à força. Aqui, como se recordará, as palavras da narrativa são as seguintes:

E Ethelred, que tinha por natureza um coração valente, e que agora se sentia, além disso, muito forte, em decorrência do vinho que bebera, não esperou mais tempo para falar com o ermitão, que tinha, realmente, o ânimo propenso à obstinação e à malícia, e, sentindo a chuva cair-lhe sobre os ombros, e temendo que se desencadeasse a tormenta, levantou sua maça e, com repetidos golpes, abriu então um caminho através das tábuas da porta, fazendo uso de seus guantes; depois, puxando com eles vigorosamente as tábuas, fez com que tudo estalasse e se partisse em pedaços, de tal modo que o ruído da madeira, seco e oco, ecoou por toda a floresta.

Ao terminar de ler essa frase, estremei e, por um momento, fiz uma pausa, pois me parecera (embora logo concluísse

que minha excitada imaginação me havia enganado) que, de uma parte muito distante da mansão, chegava indistintamente aos meus ouvidos um ruído que, pela sua exata semelhança, parecia um eco (mas sufocado e surdo, certamente) dos próprios estalidos e estragos descritos, de maneira tão minuciosa, por Sir Launcelot. Era, sem dúvida alguma, apenas a coincidência que me atraía a atenção, visto que, em meio ao bater incessante dos caixilhos das janelas e dos ruídos que se misturavam à tempestade ainda crescente, aquele barulho nada tinha, por certo, que me pudesse interessar ou perturbar. Continuei, pois, a história:

Mas o bom campeão Ethelred, franqueando então a porta, ficou dolorosamente perplexo e irado ao não encontrar sinal algum do malicioso ermitão, mas sim, em lugar dele, um dragão de aparência escamada e prodigiosa, com língua de fogo, que montava guarda ante um palácio de ouro, com assoalhos de prata; e sobre a parede havia um escudo brilhante, no qual se lia a seguinte legenda:

Aquele que aqui entrar, vencedor será;
Aquele que matar o dragão, o escudo ganhará.

E Ethelred ergueu a sua maça e desferiu um golpe na cabeça do dragão, que caiu diante dele, e exalou o seu hálito pestilento, com um grito tão estridente, áspero e medonho, que Ethelred teve de tapar os ouvidos com as mãos para suportar aquele tremendo barulho, tão forte como jamais ouvira antes.

Aqui, fiz de novo uma pausa súbita, agora com uma sensação de violento assombro, pois não havia dúvida de que, dessa vez, ouvira (embora me fosse impossível dizer de que direção aquilo vinha) um ruído fraco e aparentemente distante, mas áspero, prolongado, singularmente agudo e dissonante – a

contraparte exata do grito sobrenatural lançado pelo dragão, tal como o romancista o descrevera e eu imaginara.

Oprimido, como por certo eu estava, diante daquela segunda e extraordinária coincidência, por mil sensações contraditórias, entre as quais predominavam um assombro e um pavor extremos, conservei, não obstante, suficiente presença de espírito para ter o cuidado de não excitar, com qualquer observação, a sensibilidade nervosa de meu companheiro. De modo algum, não tinha certeza de que ele tivesse notado os ruídos em questão, embora, certamente, uma estranha alteração se houvesse verificado, nos últimos minutos, em sua atitude. Sentado, a princípio, à minha frente, fizera, aos poucos, girar a cadeira, de modo a ficar sentado com o rosto voltado para a porta do aposento. Assim, não me era possível ver senão uma parte de sua fisionomia, embora percebesse que seus lábios tremiam como se estivessem murmurando palavras inaudíveis. A cabeça caíra-lhe sobre o peito – mas, não obstante, eu sabia que não estava adormecido, pois o olho que eu entrevia do perfil permanecia aberto e fixo. Além disso, o movimento de seu corpo contradizia tal ideia, visto que se balançava, de um lado para outro, com suave, mas constante e uniforme oscilação. Tendo notado, rapidamente, tudo isso, prossegui o relato de Sir Launcelot, que continuava assim:

E então, o campeão, tendo escapado da terrível fúria do dragão, e lembrando-se do escudo de bronze e de que o encantamento que sobre ele pesava estava desfeito, afastou os destroços de seu caminho e avançou, corajosamente, pelo pavimento de prata do castelo, na direção do escudo que estava preso à parede, o qual, na verdade, não esperou que ele chegasse até perto, caindo-lhe aos pés, sobre o assoalho de prata, com violento e terrível ruído.

Mal estas últimas sílabas foram pronunciadas – e como se, na realidade, um pesado escudo de bronze houvesse caído, na-

quele momento, sobre um assoalho de prata – ouvi um eco claro, profundo, metálico e estridente, embora, aparentemente, abafado. Inteiramente exaltado, pus-me de pé num salto; mas o movimento oscilante e compassado de Usher continuou, imperturbável. Precipitei-me para a cadeira em que estava sentado. Seus olhos achavam-se fixos diante de si, e sua fisionomia se contraía numa rigidez pétrea. Mas, ao colocar a mão em seu ombro, um estremecimento percorreu-lhe todo o corpo, um sorriso imperceptível tremeu em seus lábios e vi que falava num sussurro apagado, rápido, como se não tivesse consciência da minha presença. Inclinando-me sobre ele, pude, afinal, compreender o significado horrendo de suas palavras:

– Não ouve, agora? Sim, eu o ouço, e **ouvi** antes. Durante muito, muito tempo, muitos minutos, muitas horas, muitos dias, tenho ouvido... Mas não me atrevia – oh, miserável infeliz que sou! – não me atrevia... não **me atrevia** a falar! **Nós a colocamos viva em sua tumba!** Não lhe disse que os meus sentidos estão aguçados? Digo-lhe, **agora**, que ouvi os seus primeiros e quase imperceptíveis movimentos dentro do ataúde. Ouvi-os, há muitos, muitos dias... mas não ousava... **não ousava falar!** E agora... esta noite... Ethelred – ah, ah, ah! – o arrombamento da porta do ermitão, o grito de morte do dragão, e o estrondo do escudo... diga-se antes, o destroçar de seu ataúde, o ranger dos gonzos de ferro de sua prisão e a sua luta dentro da cripta revestida de cobre! Oh, para onde fugirei? Não estará ela logo aqui? Não estará ela correndo ao meu encontro, para censurar-me pela minha precipitação? Não ouvi os seus passos na escada? Não percebo o bater horrível de seu coração? Louco!

E, nesse momento, ergueu-se de um salto, proferindo estri-dentemente as sílabas, como se, naquele esforço, a alma se lhe exalasse do peito:

– **Louco! Digo-lhe que ela está agora atrás da porta!**

No mesmo instante, como se a energia sobre-humana de suas palavras houvesse adquirido a força de um encantamento,

as enormes e antigas folhas da porta que ele indicava entreabriram, lentamente, as suas pesadas mandíbulas de ébano. Aquilo era obra de uma rajada de vento, mas, no marco daquela porta, surgiu, alta e amortalhada, a figura de lady Madeline de Usher. Suas alvas vestes estavam manchadas de sangue, e havia sinais de violenta luta em toda a sua pálida figura. Durante um momento, permaneceu, trêmula e vacilante, sobre o umbral; depois, com um grito abafado e queixoso, caiu pesadamente sobre o irmão e, em sua violenta e, agora, final agonia, o arrastou para o chão já cadáver, vítima dos terrores que havia previsto.

Fugi, aterrorizado, daqueles aposentos e daquela mansão. A tempestade se desencadeava ainda com toda a sua fúria, quando atravessei o velho caminho. Subitamente, uma luz intensa se projetou diante de mim, e voltei-me para ver de onde provinha claridade tão estranha – pois somente a imensa mansão e suas sombras se achavam para trás. A irradiação provinda da lua cheia, de um vermelho cor de sangue, já baixa no horizonte, brilhava agora através daquela fenda antes mal perceptível, a que já me referi, e que se estendia, em zigue-zague, desde o telhado do edifício até sua base. Enquanto a olhava, a fenda alargou-se rapidamente – soprou violenta rajada de vento, em redemoinho – e o disco inteiro do satélite irrompeu de repente à minha vista. Meu cérebro se transtornou quando vi as pesadas paredes se desmoronarem, partidas ao meio; ouviu-se um longo e tumultuoso estrondo, como o reboar de mil cataratas – e o lago fétido e profundo, a meus pés, se fechou, tétrica e silenciosamente, sobre os restos da *Casa de Usher*.